

MIRREVEJA

MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

Sesc Bom Retiro
30.06 — 27.09.26

mam sesc 80^{ANOS}

Mantenedores do
MAM São Paulo



Lei Rouanet



ProMatre

Realização



mam



PREFEITURA DE
SÃO PAULO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



MIREVEJA

MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA

CURADORIA

[CURATED BY]

Valquíria Prates

Mirela Estelles





Vista do [View of]
Sesc Bom Retiro,
2026

ART ALONG THE WAY

Visitors to SESC São Paulo units often come across works from the SESC Collection of Art while moving through the spaces created for a wide range of activities. In the exhibition *Look and See: MAM São Paulo Visits SESC Bom Retiro*, the experience of visual art likewise unfolds as a *journey*. This kind of route can turn unexpected encounters with artistic objects into opportunities to engage with and pay attention to what gradually comes into view. Like any act of discovery, this experience requires a willingness to search, take wrong turns, and retrace one's steps, learning through the process.

Bringing a group of works from the collection of the Museum of Modern Art of São Paulo (MAM São Paulo) to “visit” SESC Bom Retiro reinforces the idea that art collections are dynamic entities. These curated groupings shift in more ways than one: by moving into a new context, they open up fresh interpretations, interacting with new architecture, different artistic constellations, broader territories, and wider audiences. Promoting greater visibility for collections devoted to Brazilian art also renews the vitality of these spaces, allowing the works to generate new experiences and forms of knowledge.

Born from a partnership between SESC and MAM São Paulo, this exhibition aligns with both institutions' commitment to expanding cultural access, helping audiences develop a deeper visual literacy through regular contact with works of art. Education in this sense does not mean instructing, but rather creating the conditions for each individual to develop their own ways of engaging with the artistic items. Within this context, mediation plays a vital role. It functions as a sphere for exchange, listening, and shared observation, where knowledge is shaped through the intersection of different expectations and cultural backgrounds.

Accessibility guides this journey as an overarching principle. By taking into account the many different ways one can perceive art, *Look and See* aims to keep the path open to everyone. It recognizes that each person brings their own measure and view of the world, and that it is through this very plurality that the experience expands. This is an invitation to look slowly, to pause for a while, and to notice that the impact of art resists haste and immediacy. Along the way, collections, mediation, and the public meet as participants in a journey that is both personal and collective, where meaning emerges step by step.

ARTE EM PERCURSO

As pessoas que frequentam as unidades do Sesc São Paulo costumam se deparar com obras do Acervo Sesc de Arte nos espaços que percorrem para realizar as mais diversas atividades. Na exposição *Mire Veja: MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro*, a experiência com as artes visuais se processa igualmente enquanto *percurso*. Esse tipo de trajeto pode fazer dos encontros inesperados com objetos artísticos ensejos de aproximação e atenção àquilo que se revela aos poucos. Como em toda descoberta, exige disposição para buscar, errar e refazer caminhos, com tudo o que aí se aprende.

A “visitação” de conjuntos do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM São Paulo) ao Sesc Bom Retiro reafirma a compreensão das coleções como corpos dinâmicos. Trata-se de recortes que se deslocam em mais de uma acepção: quando mudam de contexto, ampliam as possibilidades de leitura por dialogarem com outras arquiteturas, outros agrupamentos artísticos, outros territórios, outros públicos. O fomento à visibilidade de acervos dedicados à arte brasileira infunde renovada vitalidade aos espaços, permitindo que as obras propiciem novas vivências e conhecimentos.

Esta exposição, fruto de parceria do Sesc com o MAM São Paulo, se insere nas ações democratizadoras mantidas pelas duas instituições, destinadas à formação da cultura visual de seus públicos, mediante contato frequente com exemplares da arte. Formar não significa instruir, mas criar condições para que cada sujeito desenvolva seus modos de se relacionar com as obras artísticas. A mediação, nesse contexto, assume papel fundamental: é zona de conversa, de escuta e de partilha de percepções, em que os conhecimentos se constroem no encontro entre diferentes expectativas e repertórios.

A acessibilidade orienta esse percurso como princípio transversal. Ao considerar a diversidade das maneiras de perceber a arte, *Mire Veja* quer tornar o caminho aberto a todas as pessoas. Cabe reconhecer que cada uma delas chega com sua própria medida de mundo, e que é nessa pluralidade que a experiência se expande. Daí o convite para que se olhe devagar, para permanecer um pouco mais, para notar que as afetações propiciadas pela arte são alheias à pressa, ao imediatismo. Nesse percurso, acervos, camadas de mediação e públicos se encontram como partícipes de um trajeto tanto singular quanto comum, em que os sentidos vão emergindo no meio do caminho.

LUIZ DEOCLECIO MASSARO GALINA
DIRETOR REGIONAL DO SESC SÃO PAULO

MAM IN MOTION WITH SESC

The longstanding partnership between the Museum of Modern Art of São Paulo (MAM São Paulo) and SESC São Paulo reaches a new milestone with the exhibition *Look and See: MAM São Paulo Visits SESC Bom Retiro*. Part of the MAM in Motion program—which brings works from the museum’s permanent collection into spaces that also house contemporary art exhibitions—the show reveals ways of making collections accessible to the public, bringing into dialogue institutional practices, educational initiatives, and various forms of cultural mediation.

Rather than offering template answers, *Look and See* challenges us to consider how our perception of the world changes when we stop to contemplate a work of art. To prompt this reflection, curators Mirela Estelles and Valquíria Prates have organized the exhibition in non-traditional spaces. MAM’s works are distributed across the various floors of the SESC Bom Retiro building, infiltrating artistic practice into the public’s daily use of the space. The

project also reimagines Sesc’s library as a laboratory for experimentation and research, supported by resources from the MAM Education Department such as tactile models and games. The exhibition is grounded in active listening, featuring recorded accounts from visitors, artists, and educators. Together, these voices create a plural narrative which suggests that the meaning of art is built through collective experience.

By placing these two collections side by side, the exhibition proposes more than just an institutional encounter; it becomes an active exercise in circulation and reflection based on their works. It also promotes an alignment through cultural mediation, contributing to the debate on how different audiences engage with both artworks and the cultural spaces that house and exhibit them. *Look and See: MAM São Paulo Visits SESC Bom Retiro* invites the public to experience art as a living, ever-changing field.

ELIZABETH MACHADO

PRESIDENT OF THE BOARD OF DIRECTORS, MAM SÃO PAULO

CAUÊ ALVES

CHIEF CURATOR, MAM SÃO PAULO

MAM EM MOVIMENTO COM O SESC

A parceria histórica entre o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM São Paulo) e o Sesc São Paulo ganha um novo desdobramento com a exposição *Mire Veja: MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro*. Integrando as ações do programa MAM em Movimento — projeto no qual obras do acervo do museu ocupam um edifício que também abriga exposições de arte contemporânea —, a mostra evidencia formas de tornar públicos os acervos, colocando em relação práticas institucionais, ações educativas e diferentes modos de mediação cultural.

Em vez de oferecer respostas prontas, *Mire Veja* nos instiga a pensar sobre como nossa capacidade de perceber o mundo é transformada no instante em que nos dispomos a observar uma obra. Para provocar essa reflexão, a exposição, curada por Mirela Estelles e Valquíria Prates, ocupa espaços expositivos não tradicionais. As obras do MAM espalham-se pelos andares do Sesc Bom Retiro, inserindo o fazer artístico no fluxo cotidiano dos

visitantes. Além disso, o projeto ressignifica a biblioteca da unidade, transformando-a em um laboratório de experimentação e pesquisa, potencializado pelos diversos recursos do MAM Educativo, como maquetes táteis e jogos. A mostra se consolida pela escuta ativa, apresentando áudios de relatos recolhidos do público, de artistas e de educadores. O conjunto compõe uma narrativa sonora e plural, indicando que o sentido da arte é construído coletivamente.

Ao colocar esses dois acervos em diálogo, a exposição propõe mais do que um encontro entre instituições, mas uma ação de circulação e reflexão a partir de suas coleções, além de uma aproximação pelo exercício da mediação cultural, contribuindo para o debate sobre como os diversos públicos se relacionam tanto com as obras de arte quanto com os equipamentos culturais que as conservam e expõem. *Mire Veja: MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro* convida os visitantes a experimentar a arte como um campo vivo, sempre em movimento.

ELIZABETH MACHADO

PRESIDENTE DA DIRETORIA DO MAM SÃO PAULO

CAUÊ ALVES

CURADOR-CHEFE DO MAM SÃO PAULO

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

MIREVEJA
MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro

SUMÁRIO CONTENTS

14-15

MIRE VEJA: MAM SÃO PAULO
VISITA O SESC BOM RETIRO
LOOK AND SEE: MAM SÃO PAULO
VISITS SESC BOM RETIRO

18-19

O QUE ESCUTAM AS PAREDES
DE UMA EXPOSIÇÃO?
WHAT DO THE WALLS OF AN
EXHIBITION HEAR?

22-23

LUGARES, ESPAÇOS E PAISAGENS DA ARTE:
PERCURSOS, TRAVESSIAS E DERIVAS
PLACES, SPACES, AND LANDSCAPES OF ART:
PATHS, CROSSINGS, AND WANDERINGS

26-27

PESSOAS, CORPOS, RETRATOS:
O QUE PODEMOS PERCEBER SOBRE NÓS
E OS OUTROS NA ARTE
PEOPLE, BODIES, PORTRAITS: WHAT WE
PERCEIVE ABOUT OURSELVES AND OTHERS
THROUGH ART

30-31

FABULAÇÕES, NARRATIVAS, HISTÓRIAS: COMO
A ARTE NOS ENCORAJA A INVENTAR MUNDOS
FABULATIONS, NARRATIVES, STORIES: HOW ART
ENCOURAGES US TO INVENT WORLDS

36-37

QUANDO FAZER ARTE NÃO É FAZER “OBRA
DE ARTE”: ÉTICA E ESTÉTICA NA CRIAÇÃO EM
MEDIAÇÃO CULTURAL DE EXPOSIÇÕES
WHEN MAKING ART IS NOT THE SAME AS
PRODUCING AN “ARTWORK”: THE ETHICS
AND AESTHETICS OF CREATION IN EXHIBITION
MEDIATION

42-43

LISTA DE OBRAS
EXHIBITION CHECKLIST

AMELIA
TOLEDO
/

*As paredes têm
ouvidos* [The Walls
Have Ears], 1975
Coleção [Collection]
MAM São Paulo,
doação artista
[donated by the
artist], 1976



LOOK AND SEE: MAM SÃO PAULO VISITS SESC BOM RETIRO

Every collection begins as an intricate web of choices. Whether personal or institutional, these choices are invariably political and aesthetic, because preserving something requires establishing criteria for what remains, what is cared for, and what is shared with the public over time. A collection is therefore a social and historical construct, shaped by strategies that determine what audiences will see at different moments in a future envisioned in advance. In short, preserving points toward the future, whereas exhibiting always takes place in the present.

The exhibition *Look and See: MAM São Paulo Visits SESC Bom Retiro* is conceived through an encounter between works from the Museum of Modern Art of São Paulo (MAM São Paulo) and the SESC Collection of Art. It is organized around a provocative question: how can art become a public experience? By moving works from a museum into the everyday life of a multifaceted cultural center like SESC, the show foregrounds contemporary artistic production, structures of mediation that sustain exhibitions, and also ways of organizing, preserving, narrating, and bringing these underlying choices into view. Each change of setting gives rise to new relationships among the works in these collections, highlighting the

fact that, for anyone, the perception of art is also shaped by personal experience, institutional decisions, and forms of mediation, leading us to questions such as: who determines what to show and how to show it? When, and from what perspective, are we invited to engage with these productions and speak about them?

The exhibition invites viewers to reflect on two questions that lie at the heart of the day-to-day work of cultural institutions: What happens when a decision is made to preserve a set of works and make them accessible to the public? And what can be perceived and understood in a work of art that allows the experience to become truly transformative on a personal level? The first question brings us closer to the institutions and their processes. The second focuses on the immediate experience of the artwork, on a subjective level.

In this sense, *Look and See* is based on the idea that, if every collection organizes ways of seeing the world, exhibitions deal with ways of organizing intentional and authorial relationships. In the cultural mediation processes involved in developing an exhibition, curatorial and education teams, in collaboration with communication areas, shape thought through space and across different media, creating points of contact

MIRE VEJA: MAM SÃO PAULO VISITA O SESC BOM RETIRO

Todo acervo começa com um emaranhado de gestos de escolhas, pessoais ou institucionais, sempre políticos e estéticos, porque para guardar é preciso estabelecer critérios sobre o que permanece, o que será cuidado e tornado público ao longo do tempo. Um acervo é, portanto, uma construção histórica e social, resultado de estratégias que definem o que as pessoas poderão ver em diferentes momentos de um futuro que se projeta desde antes. Ou seja: guardar aponta para o futuro, enquanto mostrar acontece sempre no presente.

A exposição *Mire Veja: MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro* nasce do encontro entre obras do Museu de Arte Moderna de São Paulo e do Acervo Sesc de Arte a partir de uma pergunta desafiadora: como tornar a arte uma experiência pública? Ao deslocar trabalhos de um museu para o cotidiano de uma instituição cultural múltipla como o Sesc, a mostra partilha produções de arte contemporânea, estruturas de mediação que sustentam as exposições e modos de organizar, cuidar, narrar e tornar visível um conjunto de escolhas. A cada mudança de contexto, as obras dessas coleções criam novas relações e evidenciam que, para qualquer pessoa, perceber a arte é também fruto de vivências, decisões institucionais e formas de mediação, que nos levam a perguntas como: quem define o que e como mostrar? Quando e a partir de onde somos chamados para conversar com as produções e sobre elas?

O convite aos visitantes da mostra passa por dois questionamentos enfrentados diariamente nas salas de trabalho de instituições culturais: O que acontece quando se decide guardar e tornar público um conjunto de obras? O que há para perceber e conhecer em uma obra de arte que pode tornar essa experiência transformadora, do ponto de vista individual? O primeiro nos aproxima das instituições e de seus processos. O segundo nos aproxima da fruição direta das obras, num caráter subjetivo.

Nesse sentido, em *Mire Veja* parte-se da ideia de que, se todo acervo organiza visões de mundo, as exposições tratam de modos de organizar relações intencionais e autorais. Nos processos de mediação cultural instaurados na realização de uma mostra, a curadoria e a educação, em parceria com a comunicação, constroem um pensamento no espaço e nos meios, colocando em diálogo obras, instituições e públicos convocados. O que se expõe de fato vai sempre além dos objetos artísticos; são também as narrativas e fabulações, os discursos e dispositivos que os acompanham, sejam textos, áudios, materiais educativos, os próprios percursos e as conversas entre educadores e visitantes na exposição.

Diante de uma obra, percebe-se sua materialidade, suas superfícies, volumes, cores e sons. Nela reconhecemos o resultado de escolhas técnicas e processos

between works, institutions, and audiences. What is on view always transcends the artworks themselves. It also comprises the narratives and fabulations, discourses and interpretation devices that accompany them: texts, audio materials, educational resources, the flow of the exhibition space itself, and the actual conversations between educators and visitors.

Faced with a work of art, one perceives its materiality, its surfaces, volumes, colors, and sounds. We recognize in it the result of technical choices, of specific processes of creation and narrative construction; it shows, expresses, represents, symbolizes, and argues—not necessarily in that order, nor always sustaining all of these sensitive gestures. Moreover, every artwork is a confluence of aesthetic and conceptual inquiry, embedded in history and culture. Understanding a work means accessing these layers and realizing that none of them can exhaust its meanings, since something always remains open to interpretations, memories, emotions, and the unexpected responses the encounter may bring. A work of art is constituted as experience, and perception is one way of knowing—one that also allows us to imagine, think, plan, and act.

Occupying the open circulation spaces of SESC Bom Retiro, where works from the SESC Collection of Art are on view, the exhibition incorporates corridors and the library as sites of research and mediation.

Along circulation routes, pauses, and chance encounters, art may inscribe itself within the movement of the body and the duration of the visit. It is an art that speaks of itself and of its own elements, while also speaking of bodies, of being a person in an open-ended world, still in the making, of perceiving the living beings from a particular place and understanding oneself as both nature and culture, and of the boundless human capacity for fabulation across times and contexts shaped by ever-specific challenges.

Look and See unfolds as a field of relations. It begins by welcoming visitors arriving from the street, moves through various modes of circulation on the first floor and, on the second, delves into processes of creation, perception, and cultural mediation, culminating in the possibility of making and unmaking meanings. The exhibition happens in the in-between: in between preserving and showing, looking and seeing, choosing and engaging with others.

The title *Look and See* is borrowed from a recurring expression in Guimarães Rosa's *The Devil to Pay in the Backlands*, and alludes to one of the novel's most memorable lines: "Look [and see]: the most important and nicest thing in the world is this: that people aren't always the same, they are not all of a piece and finished but keep on changing." Perhaps we can say the same is true of artworks, collections, and exhibitions, when art becomes a public experience.

específicos de criação e construção narrativa; ela mostra, expressa, representa, simboliza, argumenta, não necessariamente nessa ordem e nem sempre sustentando todos esses gestos sensíveis. Ao mesmo tempo, cada trabalho integra uma investigação estética e conceitual, inserida em contextos históricos e culturais. Conhecer uma obra é acessar essas camadas e reconhecer que nenhuma delas a esgota, pois há sempre algo que permanece aberto às interpretações, às memórias, aos afetos e aos estranhamentos que emergem no encontro. A obra de arte se constrói como experiência, e perceber é uma forma de conhecer para também imaginar, pensar, projetar e realizar.

Ao ocupar os espaços de circulação livre do Sesc Bom Retiro onde estão as obras do Acervo Sesc de Arte, a exposição incorpora corredores e a biblioteca como lugares de pesquisa e mediação. Em percursos, intervalos e encontros inesperados, a arte pode se inscrever no movimento do corpo e no tempo da visita. Arte que fala de si mesma e de seus elementos, mas que também fala de corpos, de ser pessoa em um mundo que nunca

está pronto, de perceber os vivos de um lugar e se saber natureza e cultura, da ampla e irrestrita capacidade de fabular em tempos e contextos com desafios sempre específicos.

Mire Veja se apresenta como um campo de relações que começa no acolhimento de quem chega da rua, passa por variados modos de deslocamento no primeiro piso e, no segundo, mergulha em processos de criação, percepção e mediação cultural para, por fim, chegar à possibilidade de fazer e desfazer sentidos. Entre guardar e mostrar, entre mirar e ver, entre escolher e se relacionar. É nesse intervalo que a exposição acontece.

Seu título, *Mire Veja*, emprestado de uma expressão frequentemente usada por Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, remete a uma frase marcante do livro: “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando”. Talvez possamos pensar que o mesmo acontece com as obras, os acervos e as exposições quando a arte se torna uma experiência pública.

WHAT DO THE WALLS OF AN EXHIBITION HEAR?

The expression “the walls have ears,” taken up as a poetic image by Amelia Toledo soon after the so-called “Years of Lead”—the most repressive period of the Brazilian civil-military dictatorship—profoundly reshapes how we relate to the exhibition space. In everyday usage, the saying is typically a warning: someone is listening, word gets out, and nothing remains entirely private. It carries an element of surveillance, but also one of memory and reverberation. In bringing this expression to the field of art, Toledo broadens its meaning, transforming both architecture and institution into living bodies that we engage with as we move through the exhibition spaces of a cultural center.

In *Look and See*, Amelia Toledo’s work draws us in: as we look at the artwork, the walls become the skin and organs of a larger perceptive body, tracking and recording our footsteps, pauses, conversations, silences, hesitations, and movements. Distributed throughout the building’s floors, these ears bring works, conflicts, and tensions closer together or farther apart within the exhibition, mapping our varying cultural frameworks, divergent interpretations, and distinct ways of perceiving art.

The presence of the artwork transforms the building and the

entire show into a vast sounding board. On the ground floor, the walls listen to visitors who experience the city through art as they enter the cultural center. The noise of the street, urban flows, and the encounter between everyday life and the cultural institution remind us that art is never isolated from the social context in which it was created. On the first floor, one can imagine the sounds of passage that arise from the paths and movements proposed by the pieces. On the second floor, conversations, questions, and acts of mediation emerge as voices through which meaning is collectively shaped. Finally, the walls of the top floor bear witness to the refusals, excesses, absences, and instabilities of the interpretation process itself.

Perhaps the most critical aspect of this expression is how it reframes the very concept of perception. Here, the ears within the walls intentionally perceive and create relationships, situations, tensions, and presence. They also recognize that exhibition spaces retain the traces of the experiences that take place within them. Thus, the exhibition poses the following question: What becomes imprinted on the walls of a cultural institution? What memories, conflicts, and modes of coexistence accumulate within these environments? And what do

O QUE ESCUTAM AS PAREDES DE UMA EXPOSIÇÃO?

A expressão “as paredes têm ouvidos”, tomada como imagem poética por Amelia Toledo logo após os anos de chumbo da ditadura civil-militar no Brasil, desloca profundamente nossa relação com o espaço expositivo. Em seu sentido cotidiano, a frase costuma funcionar como alerta: alguém escuta, algo circula, nada permanece completamente privado. Existe nela uma dimensão de vigilância, mas também de memória e reverberação. Ao trazê-la para o campo da arte, a artista a amplia, transformando a arquitetura e a instituição em corpos vivos com quem nos relacionamos ao atravessar os ambientes de uma exposição em um espaço cultural.

Em *Mire Veja*, a obra de Amelia Toledo nos captura: enquanto observamos as obras, as paredes se tornam pele e órgãos de um corpo maior de percepção, que registra nossos passos, pausas, conversas, silêncios, hesitações e deslocamentos. As orelhas ocupam os andares, aproximam ou afastam obras, conflitos e tensões na exposição, identificam as diferenças de repertório, as interpretações divergentes, as formas distintas de perceber a arte.

A presença da obra transforma o prédio e toda a exposição em um grande campo de escuta. No térreo, as paredes ouvem os visitantes que percebem a cidade pela arte e entram no espaço cultural. O ruído da rua, os fluxos urbanos,

o encontro entre cotidiano e instituição nos lembra que a produção artística nunca está isolada do contexto social em que foi criada. No primeiro andar, imaginam-se sons de travessias diante das possibilidades de percursos e deslocamentos produzidos pelas obras. No segundo andar, destacam-se conversas, perguntas e mediações como vozes que constroem sentidos coletivamente. Por fim, as paredes do último andar testemunham as recusas, os excessos, as ausências e as instabilidades das escolhas na construção de sentidos.

Talvez o aspecto mais importante dessa expressão seja o deslocamento da própria ideia de percepção. Aqui, os ouvidos das paredes percebem e constroem intencionalmente relações, situações, tensões e presenças. Eles também podem reconhecer que os espaços de uma mostra guardam as marcas das experiências que neles acontecem. A exposição passa então a perguntar: o que fica impregnado nas paredes de uma instituição cultural? Que memórias, disputas e formas de convivência se acumulam em seus ambientes? O que as instituições fazem com o que aprendem dos públicos?

Essas são algumas das questões fundamentais da mediação cultural, prática que vai muito além da recepção de informações sobre uma obra em uma mostra, perpassando as relações entre aquilo que vivemos e construímos com os visitantes e aquilo que pensamos

institutions actually do with the knowledge they gain from the public?

These are some of the issues that lie at the heart of cultural mediation, a practice that goes far beyond simply receiving information about an artwork in an exhibition, encompassing the relationships between what we experience and create with visitors and what we understand about the world based on our subjective perception. The walls of the public space established by the exhibition listen precisely because art can hold a multitude of voices. This ultimately shapes how we position ourselves within these walls, a public realm sustained by opinions and silences.

In this sense, *As paredes têm ouvidos* [The Walls Have Ears] (1975) [pp. 12-3] is about more than its immediate political context or the danger of speaking out against an oppressive regime. It asks us to look

at culture as a collective ecosystem, shaped by those who make, exhibit, and experience art.

Exhibitions are places where sensibilities and ideas are publicly organized through conversations, exchanges, and moments of dissolution and re-creation. They are also spaces where we can learn how art can be displayed, seen, articulated, remembered, or imagined.

For visitors—and perhaps especially for exhibitions themselves—listening can become a way of engaging critically with the world: perceiving in order to understand, understanding in order to debate, and debating in order to choose a position within a shared reality. In this way, it becomes possible to create new programming and situations for encounters, active listening, and dialogue with the arts in the public sphere.

sobre o mundo a partir de nossa experiência subjetiva. As paredes do espaço público que a exposição instaura escutam porque a arte ali pode ser habitada por muitas vozes, interferindo, assim, na maneira como nos posicionamos diante delas, como coisa pública vivida e sustentada por opiniões e silêncios.

Nesse sentido, *As paredes têm ouvidos* (1975) [pp. 12-3] não trata apenas do momento político em que a obra foi criada pela artista, ou do risco de sermos ouvidos em posições contrárias a um poder de opressão vigente, mas nos convida a pensar a própria experiência coletiva da cultura, que é composta por quem faz, quem mostra e quem frui a arte.

As exposições são lugares onde as sensibilidades e argumentações são organizadas publicamente em momentos de conversa, troca, dissolução e recriação. São também espaços onde podemos aprender como a arte pode ser mostrada, vista, dita, lembrada ou imaginada.

Ouvir, do ponto de vista dos visitantes e especialmente das exposições, pode ser a chance de vivenciar uma prática crítica de perceber para compreender, compreender para argumentar, argumentar para se posicionar diante do mundo compartilhado. E, assim, criar novas programações e situações de encontro, escuta ativa e diálogo com as artes na esfera pública.

PLACES, SPACES, AND LANDSCAPES OF ART: PATHS, CROSSINGS, AND WANDERINGS

What does a cultural institution hear, retain, and reveal about forms of public coexistence?

How do spaces shape what we perceive, feel, and remember in an exhibition?

How do artworks, architecture, and circulation create landscapes of experience and movement?

Every exhibition creates a perceptual landscape. Artworks, walls, sounds, corridors, lighting, and stairways dictate how we perceive space and occupy it. In *Look and See*, the SESC Bom Retiro building actively participates in this experience, listening to, accompanying, and reshaping the encounters between art and the public.

From the moment they arrive from the street, visitors cross a hybrid threshold between the city and the cultural institution. Urban noise, the flow of people, and the neighborhood's daily bustle do not fade away when one enters the building. Amelia Toledo's *As paredes têm ouvidos* [The Walls Have Ears] (1975) [pp. 12-3], distributed throughout the exhibition floors, transforms this permeability into a tangible presence. The architecture seems to capture these external currents—footsteps, voices, memories, conflicts, and forms of public coexistence—as we see in Claudio Tozzi's *Multidão* [Crowd]

(1968) and Rubens Gerchman's *Lute* [Fight] (1967/2005) [p. 40].

The pieces relate directly to this sense of transit and encounter, as does Emanuel Araújo's *Estrutura vermelha* [Red Structure] (1981) through its geometric tensions and material balance. The constructive forms of Franz Weissmann and Lothar Charoux, in turn, reveal lines, rhythms, intervals, and spatial dynamics which usually go unnoticed in everyday life.

On the first floor, the exhibition leads visitors into more unstable terrain. Evoking the ocean and sonic elements, Nelson Leirner's *Construtivismo naval II* [Naval Constructivism II] (2008/2011) [p. 33] and *Construtivismo musical* [Musical Constructivism] (2010) [p. 32] transform the space into a territory of crossings, wanderings, listening, and imagination, producing visual and cultural noise that alters our perception of the environment. Bodies of water, such as the sea and rivers—which could be navigated by those paper boats, for instance—appear as a suggestion and a symbolic field of deviation, as does the cloud-filled sky created by artist Eduardo Coimbra in *Luz natural* [Natural Light] (2011) [p. 35], on permanent display in the library.

Xadalu Tupã Jekupé's *Tatá Piriri* (2022) [p. 29] introduces another key layer: Indigenous territory intersecting the contemporary building. The artwork displaces urban and institutional

LUGARES, ESPAÇOS E PAISAGENS DA ARTE: PERCURSOS, TRAVESSIAS E DERIVAS

O que uma instituição cultural escuta, guarda e revela sobre os modos de convivência pública?

Como os espaços moldam aquilo que percebemos, sentimos e lembramos em uma exposição?

Como obras, arquitetura e circulação constroem paisagens de experiência e deslocamento?

Toda exposição constrói uma paisagem perceptiva. Obras, paredes, sons, corredores, luzes e escadas organizam maneiras de perceber o espaço e de existir dentro dele. Em *Mire Veja*, o edifício do Sesc Bom Retiro participa ativamente da experiência, escutando, acompanhando e reorganizando os encontros entre arte e público.

Desde a chegada pela rua, os visitantes atravessam um território híbrido entre cidade e instituição cultural. Os ruídos urbanos, os corpos em circulação e o movimento cotidiano do bairro não desaparecem quando se entra no edifício. A obra *As paredes têm ouvidos* (1975) [pp. 12-3], de Amelia Toledo, espalhada pelos andares da exposição, transforma essa permeabilidade em presença constante. O edifício parece captar aquilo que vem de fora: passos, vozes, memórias, conflitos e formas de convivência pública, como nos trabalhos *Multidão* (1968), de Claudio Tozzi, e *Lute* (1967/2005) [p. 40], de Rubens Gerchman.

As obras dialogam diretamente com essa condição de passagem e encontro, como *Estrutura vermelha* (1981), de Emanuel Araujo, que o faz por meio de tensões geométricas e equilíbrios materiais. Já as formas construtivas de Franz Weissmann e Lothar Charoux fazem o olhar perceber linhas, ritmos, intervalos e relações espaciais normalmente invisíveis no cotidiano.

No primeiro andar, a exposição desloca o visitante para paisagens mais instáveis. Ligados ao oceano e às presenças sonoras, os trabalhos *Construtivismo naval II* (2008/2011) [p. 33] e *Construtivismo musical* (2010) [p. 32], de Nelson Leirner, transformam o espaço em território de travessia, deriva, escuta e imaginação, produzindo ruídos visuais e culturais que alteram nossa percepção do ambiente. Corpos de água, como o mar e os rios, que poderiam ser navegados pelos barquinhos de papel, por exemplo, aparecem como sugestão e campo simbólico de deslocamento, assim como o céu cheio de nuvens criado pelo artista Eduardo Coimbra em *Luz natural* (2011) [p. 35], exposta permanentemente na biblioteca.

Tatá Piriri (2022) [p. 29], de Xadalu Tupã Jekupé, introduz outra camada fundamental: o território indígena atravessando o edifício contemporâneo. A obra desloca imaginários urbanos e institucionais ao afirmar outras formas de relação entre corpo, espaço e ancestralidade. Assim, a exposição passa a

imaginaries by affirming other forms of relationship between body, space, and ancestry. The exhibition thus accommodates distinct cosmologies coexisting along the same path.

The works of Rosângela Rennó, Carlos Zilio [p. 41], Laura Vinci, Paulo Bruscky, and Lenora de Barros [p. 39] make the environment even more unstable: images, words, archives, and gestures seem to produce

small perceptual challenges. Visitors begin to pick up on atmospheres, silences, interruptions, and intervals throughout the exhibition rooms.

On the top floor, the pace begins to slow. Some works call for sustained contemplation; others evoke stillness, or silent unease. The space ceases to function merely as a place of passage and becomes instead a field of continuous, active listening.



ALFREDO
CESCHIATTI
/

As irmãs [The Sisters], 1966
Coleção [Collection]
MAM São Paulo,
doação [donated by] Alexandre
Ceschiatti, 1990

abrigar cosmologias distintas coexistindo em um mesmo percurso.

Os trabalhos de Rosângela Rennó, Carlos Zilio [p. 41], Laura Vinci, Paulo Bruscky e Lenora de Barros [p. 39] tornam o ambiente ainda mais instável: imagens, palavras, arquivos e gestos parecem produzir pequenos desafios perceptivos. O visitante passa a captar atmosferas,

silêncios, interrupções e intervalos nos espaços da exposição.

No último andar, o percurso desacelera. Algumas obras exigem contemplação prolongada; outras produzem suspensão ou estranhamento silencioso. O espaço deixa de ser apenas lugar de circulação e passa a funcionar como um campo de escuta ativa e constante.



IRAN
DO
ESPÍRITO
SANTO



Street Pole, 2008
Acervo [Collection]
Sesc de Arte

PEOPLE, BODIES, PORTRAITS: WHAT WE PERCEIVE ABOUT OURSELVES AND OTHERS THROUGH ART

How does art turn individual experiences into shared experiences?

What happens when different bodies, histories, and perspectives engage with the same work?

How does looking at images, objects, and narratives also reshape the way we perceive one another?

Every art collection is also a collection of presences. Even when artworks do not directly represent the human figure, they still carry gestures, choices, memories, conflicts, and ways of perceiving the world produced by different people at different moments in time. In *Look and See*, the question of how art becomes public relates to another question: what happens when individual experiences begin to exist collectively within the shared space of the exhibition?

From the moment they enter SESC Bom Retiro, visitors find themselves in a building permeated by movement, interactions, and permanence. People come in from the street carrying their own rhythms, concerns, references, and memories. In the meeting between city and cultural institution, works such as *As irmãs* [The Sisters] (1966) [p. 24], by Alfredo Ceschiatti, seem to condense one of the exhibition's key ideas: that looking at a work of art also means perceiving human relationships. The bodies sculpted by

Ceschiatti are never isolated. Rather, they exist in states of connection, proximity, and coexistence.

As we move through the displaying areas, different ways of depicting people, places, and lived experience begin to coexist. The photographs by German Lorca and Cássio Vasconcellos and the paintings by Giuliana Giorgi turn our attention to everyday urban life and to the subtle moments that shape public experience across time. Rosângela Rennó and Heitor dos Prazeres, for their part, displace images, situations, and memories from their original contexts, revealing that canvases and photographs register not only faces and events, but also absences, acts of forgetting, and ongoing disputes over who remains visible in collective memory.

The mythologies, narratives, and figures created by Zimar and Xadalu Tupã Jekupé [p. 29] radically reframe the institutional environment, moving beyond identity-based representation to affirm the knowledge systems and cultures rooted in the artists' territories, and also their continued presence and cosmologies within institutions historically marked by colonial erasure. The encounter between different cultural repertoires reshapes how we understand the institution, the collection, and the

PESSOAS, CORPOS, RETRATOS: O QUE PODEMOS PERCEBER SOBRE NÓS E OS OUTROS NA ARTE

Como a arte transforma experiências individuais em experiências compartilhadas?

O que acontece quando diferentes corpos, histórias e repertórios encontram uma mesma obra?

De que maneira olhar para imagens, objetos e narrativas também modifica a forma como percebemos uns aos outros?

Toda coleção de arte é também uma coleção de presenças. Mesmo quando não representam figuras humanas diretamente, as obras carregam gestos, escolhas, memórias, conflitos e modos de perceber o mundo produzidos por diferentes pessoas em diferentes tempos. Em *Mire Veja*, a pergunta sobre como a arte se torna pública atravessa outra questão: o que acontece quando experiências individuais passam a existir coletivamente no espaço compartilhado da exposição?

Desde a entrada no Sesc Bom Retiro, o visitante encontra um edifício atravessado por circulação, convivência e permanência. Pessoas chegam da rua carregando ritmos, preocupações, referências e memórias distintas. Nesse encontro entre cidade e instituição cultural, trabalhos como *As irmãs* (1966) [p. 24], de Alfredo Ceschiatti, parecem condensar algo fundamental da exposição: a percepção de que olhar uma obra também significa perceber relações humanas. Os corpos esculpidos por Ceschiatti não

aparecem isolados; eles existem em vínculo, proximidade e convívio.

À medida que percorremos os espaços da mostra, diferentes modos de apresentar pessoas, territórios e experiências passam a coexistir. As fotografias de German Lorca e Cássio Vasconcellos e a pintura de Giuliana Giorgi aproximam o olhar do cotidiano urbano e dos pequenos acontecimentos da vida pública em diferentes tempos. Já Rosângela Rennó e Heitor dos Prazeres deslocam imagens, situações e reminiscências de seus contextos originais, mostrando que telas e fotografias não registram apenas rostos ou fatos, mas também esquecimentos, ausências e disputas sobre quem permanece visível na memória coletiva.

As mitologias, histórias e personagens de Zimar e Xadalu Tupã Jekupé [p. 29] reorganizam radicalmente o espaço institucional para além de representações identitárias, afirmando os saberes e as culturas dos territórios onde vivem os artistas, sua permanência e sua cosmologia dentro de estruturas historicamente marcadas por apagamentos coloniais. O encontro entre repertórios culturais diversos transforma o próprio modo como percebemos a instituição, o acervo e os públicos que circulam pelo edifício.

Nos trabalhos de Cao Guimarães, Lenora de Barros [p. 39], Paulo Nenflídio, Antonio Henrique Amaral e Rubens

audiences that move through the building.

In works by Cao Guimarães, Lenora de Barros [p. 39], Paulo Nenflídio, Antonio Henrique Amaral, and Rubens Gerchman, the body emerges as image, perception, language, breath, listening, and imaginative displacement. Some works require close attention; others provoke unease; still others seem to reconfigure the way we relate to time.

Throughout the exhibition, pieces from the MAM São Paulo collection coexist with those held by SESC, as well as with the building's everyday rhythms and uses. Some people stop

to observe the artworks while others study, work, rest, eat, or simply move through the space. Here, aesthetic experience is no longer separate from daily life but embedded within the human relationships that define the public space.

Perhaps art becomes public precisely through this encounter between bodies, narratives, and ways of seeing: when an experience no longer belongs solely to the person who created it and begins instead to open up connective possibilities between people who have never actually lived the same histories, yet who temporarily share the same field of perception.



RODRIGO BRAGA



Comunhão I
[Communion I], 2006
Coleção [Collection]
MAM São Paulo,
doação artista
por intermédio
do [donated by
the artist through
the] Clube de
Colecionadores de
Fotografia MAM São
Paulo, 2007

Gerchman, o corpo aparece como figura visível, percepção, linguagem, respiração, escuta e deslocamento imaginativo. Algumas obras exigem aproximação; outras criam estranhamento; outras ainda parecem reorganizar nossa relação com o tempo.

Ao longo da exposição, as peças da coleção do MAM São Paulo convivem com as do acervo do Sesc e com os usos cotidianos do edifício. Algumas pessoas observam arte enquanto outras estudam, trabalham, descansam, comem ou circulam

pelo ambiente. A experiência estética não mais acontece de forma separada da vida, passando a existir em meio às relações humanas que constituem o espaço público.

Talvez seja justamente nesse encontro entre corpos, histórias e modos de olhar que a arte se torne pública: quando uma experiência deixa de pertencer apenas a quem a produziu e começa a criar possibilidades de relação entre pessoas que nunca viveram de fato as mesmas histórias, mas compartilham temporariamente um mesmo campo de percepção.



XADALU
TUPÃ
JEKUPÊ
/

Tatá Piriri, 2022
Coleção [Collection]
MAM São Paulo,
doação [donated
by] Paulo Sartori,
2023

FABULATIONS, NARRATIVES, STORIES: HOW ART ENCOURAGES US TO INVENT WORLDS

What does art allow us to imagine that we are not yet able to fully name or live?

How do images and objects reshape our perception of reality through metaphor, deviation, and invention?

What happens when art generates instabilities that push us to imagine other possible worlds?

Not all artwork seeks to depict the world directly. Art often moves through deviation, metaphor, instability, and images that seem to exist somewhere between what we recognize and what we still do not know how to name. In *Look and See*, fabulation emerges as a force that reconfigures our perception of reality, revealing new ways of imagining relationships between people, environments, objects, landscapes, and stories.

As visitors move through the exhibition, they encounter works that blur the boundaries between reality and invention. Some create unsettling atmospheres; others place improbable elements side by side; and still others seem to temporarily suspend the usual logic of language and representation. In these moments, perception is no longer simply a matter of recognizing what is familiar, but of imagining possibilities that remain undefined—as seen in the photographs by Alberto da Veiga Guignard, Pedro Motta, Rodrigo Braga [p. 28], and Labõ and Rafaela Kennedy.

On the first floor, relationships between the sea, sound, movement, and accumulated objects create an experience akin to deviation. In *Construtivismo naval II* [Naval Constructivism II] (2008/2011) [p. 33] and *Construtivismo musical* [Musical Constructivism] (2010) [p. 32], Nelson Leirner draws respectively on the geometric forms of folded paper boats and piano keys to create three-dimensional images through repetition and the reduction of color and form. Here, the ocean appears less as a geographical location than as a symbolic field of transit, instability, and projection. Alongside these pieces, Sara Ramo's *Oceano possível* [Possible Ocean] (2002) [p. 34] invites us to observe how objects slip free from predictable functions and begin to generate open-ended narratives infused with humor, excess, memory, and invention—with the playful freedom of imagining other possible stories.

At various moments throughout the exhibition, the works repeatedly generate subtle perceptual shifts. Some blur the boundaries between abstraction and figuration; others fragment familiar or recognizable images; and still others transform ordinary materials into unexpected presences. Rather than distancing art from the world, these gestures reveal reality itself as unstable, incomplete, and constantly reshaped by the images we create—as in the works of Iran do Espírito Santo [p. 25], Eduardo

FABULAÇÕES, NARRATIVAS, HISTÓRIAS: COMO A ARTE NOS ENCORAJA A INVENTAR MUNDOS

O que a arte nos permite imaginar que ainda não conseguimos nomear ou viver?

Como imagens e objetos reorganizam nossa percepção do real através da metáfora, da deriva e da invenção?

O que acontece quando a arte cria instabilidades que nos obrigam a imaginar outras possibilidades de mundo?

Nem toda obra procura representar o mundo de maneira direta. Muitas vezes, a arte cria desvios, metáforas, instabilidades e imagens que parecem existir no intervalo entre aquilo que reconhecemos e aquilo que ainda não sabemos nomear. Em *Mire Veja*, a fabulação aparece como força capaz de reorganizar nossa percepção do real, abrindo espaço para imaginarmos outras relações entre pessoas, ambientes, objetos, paisagens e narrativas.

Ao atravessar os andares da exposição, o visitante encontra trabalhos que deslocam os limites entre realidade e invenção. Alguns criam atmosferas de estranhamento; outros aproximam elementos improváveis; outros parecem suspender temporariamente as lógicas habituais da linguagem e da representação. Nessas situações, perceber não significa apenas identificar algo conhecido, mas imaginar possibilidades ainda indefinidas, como nas fotografias de Alberto da Veiga Guignard, Pedro Motta, Rodrigo Braga [p. 28] e Labão e Rafaela Kennedy.

No primeiro andar, as relações entre o mar, o som, os deslocamentos e os objetos

acumulados produzem uma experiência próxima da deriva. As obras *Construtivismo naval II* (2008/2011) [p. 33] e *Construtivismo musical* (2010) [p. 32], de Nelson Leirner, tomam, respectivamente, as formas geométricas dos barquinhos de papel feitos em dobradura e das teclas de um piano para criar imagens tridimensionais a partir da repetição e da redução de cores e formas. O oceano configura-se menos como lugar geográfico e mais como campo simbólico de travessia, instabilidade e projeção. Junto com essas obras, *Oceano possível* (2002) [p. 34], de Sara Ramo, nos convida a observar como os objetos deixam de ocupar funções previsíveis e passam a criar narrativas abertas, atravessadas por humor, excesso, memória e invenção, com a liberdade de quem pode brincar concebendo outras histórias possíveis.

Em diferentes momentos da exposição, as obras parecem produzir pequenas crises perceptivas. Algumas aproximam abstração e figuração; outras fragmentam imagens reconhecíveis; outras ainda transformam materiais comuns em presenças inesperadas. Essas operações não afastam a arte do mundo. Pelo contrário: permitem perceber que o real também é instável, incompleto e constantemente reorganizado pelas imagens que produzimos, como nos trabalhos de Iran do Espírito Santo [p. 25], Eduardo Coimbra [p. 35], Brígida Baltar,

Coimbra [p. 35], Brígida Baltar, Cleber Machado, Artur Barrio, and Gisela Motta & Leandro Lima. By bringing together artists who explore different forms of language, metaphor, and visual imagination, the exhibition highlights in each artwork a distinct way of rearranging sensory experience.

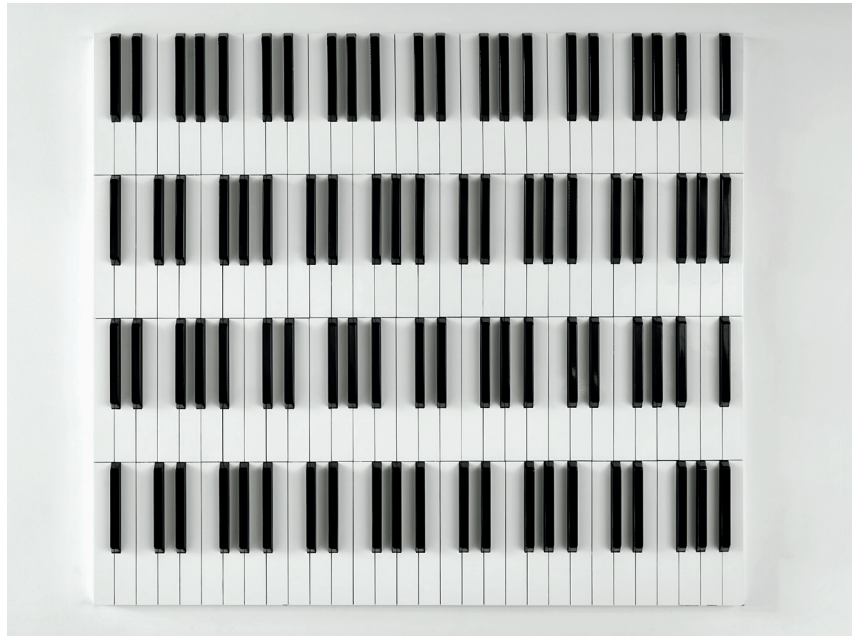
On the third floor, this experience becomes more intense. The works of Lenora de Barros [p. 39], Rubens

Gerchman, Rodrigo Andrade [p. 38], and Amelia Toledo [pp. 12-3] seem to ask of the viewer not only observation, but also a willingness to embrace that which resists immediate resolution. Fabulation emerges here as a form of critical imagination. To imagine is not to escape reality, but to create other ways of understanding it—whether through the refusal to see, political tension, chromatic clashes, or the realization that we are always being perceived as we move through space.

In this sense, art momentarily disrupts the automatic habits of perception, making room for other ways of existing, relating, and thinking. *Look and See* invites viewers to remain within that uncertain territory between seeing, recognizing, imagining, and not yet fully understanding what they have encountered.

NELSON LEIRNER /

*Construtivismo
musical* [Musical
Constructivism],
2010
Acervo [Collection]
Sesc de Arte



Cleber Machado, Artur Barrio e Gisela Motta & Leandro Lima. Ao reunir artistas que experimentam diferentes maneiras de construir linguagem, metáfora e imaginação visual, a exposição destaca em cada peça um modo particular de rearranjar a experiência sensível.

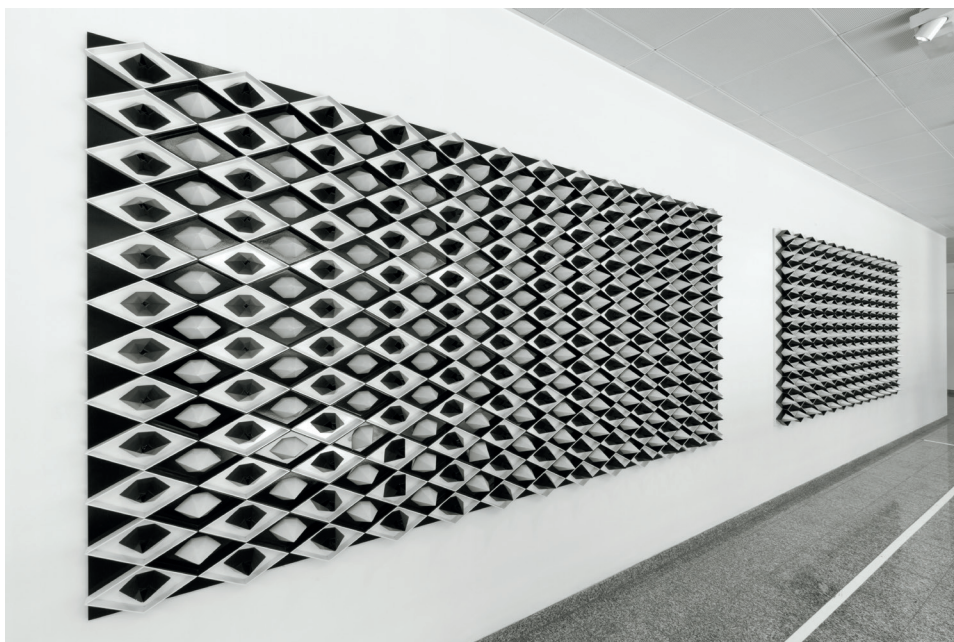
No terceiro andar, essa experiência se intensifica. As obras de Lenora de Barros [p. 39], Rubens Gerchman, Rodrigo Andrade

[p. 38] e Amelia Toledo [pp. 12-3] parecem exigir do visitante observação e disponibilidade para permanecer diante do que não se resolve de forma imediata. A fabulação aparece então como exercício de imaginação crítica. Imaginar não significa escapar da realidade, mas criar outras maneiras de apreendê-la, seja na recusa em ver, no conflito político, no enfrentamento da cor pela cor ou na perspectiva de que sempre há alguém nos percebendo nos lugares por onde passamos.

Assim, a arte interrompe temporariamente os automatismos do olhar e abre espaço para que experimentemos outras formas de existência, convivência e pensamento. *Mire Veja* convida o público a permanecer nesse intervalo entre ver, reconhecer, imaginar e ainda não saber com precisão o que foi encontrado.

NELSON
LEIRNER
/

*Construtivismo
naval II* [Naval
Constructivism II],
2008/2011
Acervo [Collection]
Sesc de Arte





SARA
RAMO

/

Oceano possível
[Possible Ocean],
2002
Coleção [Collection]
MAM São Paulo,
doação [donated
by] Credit Suisse,
com recursos da
Lei Federal de
Incentivo à Cultura
[with resources
from the Federal
Cultural Incentive
Law], 2012



EDUARDO
COIMBRA
/

Luz natural [Natural
Light], 2011
Acervo [Collection]
Sesc de Arte

WHEN MAKING ART IS NOT THE SAME AS PRODUCING AN “ARTWORK”: THE ETHICS AND AESTHETICS OF CREATION IN EXHIBITION MEDIATION

When can a conversation, a question, a movement through space, or a relationship itself become an aesthetic experience?

How can curating, museum education, and cultural mediation create new ways of perceiving without necessarily producing new objects?

What ethical responsibilities arise in the creation of encounters between art, publics, spaces, and narratives?

An exhibition consists of more than the artworks on display. Texts, routes, questions, mediation, audio and educational materials, forms of welcoming, and the relationships between works also create poetic experiences grounded in both aesthetic and ethical choices. In *Look and See*, curatorial work, education, and cultural mediation are treated as creative practices that constitute an important part of museum education within exhibitions. These practices are oriented toward access, perception, interpretation, and art appreciation.

As works from the MAM São Paulo collection move into the shared spaces of SESC Bom Retiro, hallways, common areas, the library, and circulation routes become places where art and everyday life intersect. Aesthetic experience no longer occurs solely within the isolated exhibition room. Instead, it becomes

part of the building's everyday rhythms and movement.

By placing works from the MAM São Paulo collection alongside those from the SESC Collection of Art, the curators also establish conceptual and perceptual connections between them. Here, cultural mediation involves creating the conditions through which people from different cultural backgrounds can develop their own relationships with the collections.

There is a crucial ethical dimension to this process. To make art public is to ask who has access to certain spaces, which narratives remain invisible, and how to facilitate encounters without diminishing the complexity of either the artworks or the visitors' experiences.

Accessibility features offer other ways of engaging with the works from the MAM São Paulo collection, broadening the experience of the exhibition itself: touching, listening, imagining, and moving through space all become legitimate forms of perceiving art.

In the library, books, games, poetic propositions, tactile resources, and educational materials transform research and mediation into part of the exhibition itself. Knowledge is no longer presented as separate from lived and sensory experience. Reading, conversing, listening to testimonies, or taking part in a

QUANDO FAZER ARTE NÃO É FAZER “OBRA DE ARTE”: ÉTICA E ESTÉTICA NA CRIAÇÃO EM MEDIAÇÃO CULTURAL DE EXPOSIÇÕES

Em que momento uma conversa, uma pergunta, um percurso ou uma relação também podem se tornar experiência estética?

Como a curadoria, a educação museal e a mediação cultural criam formas de percepção sem necessariamente produzir novas obras?

Quais responsabilidades éticas existem ao construir modos de encontro entre arte, públicos, espaços e narrativas?

Uma exposição não é feita apenas das produções e trabalhos de arte que apresenta. Textos, percursos, perguntas, mediações, áudios, materiais educativos, modos de acolhimento e relações entre obras também produzem experiências poéticas a partir de formas que são estéticas e éticas. Em *Mire Veja*, curadoria, educação e mediação cultural aparecem como práticas de criação artística que integram um repertório importante da educação museal em exposições. Essas práticas são voltadas ao acesso, à percepção, à interpretação e à fruição.

Ao deslocar obras do acervo do MAM São Paulo para os espaços comuns do Sesc Bom Retiro, a exposição transforma corredores, áreas de convivência, biblioteca e locais de circulação em territórios de encontro entre arte e vida cotidiana. A experiência estética deixa de acontecer apenas dentro de uma sala

expositiva isolada e passa a existir no próprio movimento do edifício.

Ao aproximar obras das coleções do MAM São Paulo e do Acervo Sesc de Arte, a curadoria também produz vizinhanças conceituais e sensíveis. Mediação cultural, nesse contexto, se traduz em buscar condições para que públicos com diferentes repertórios possam construir suas próprias relações com os acervos.

Existe uma dimensão ética decisiva nesse processo. Tornar a arte pública implica perguntar quem pode acessar determinados espaços, quais narrativas permanecem invisíveis e como construir situações de encontro sem reduzir a complexidade das obras ou das experiências dos visitantes.

Os recursos de acessibilidade oferecem outros modos de entrar em contato com os trabalhos dos artistas do acervo do MAM São Paulo, ampliando a vivência da exposição: tocar, escutar, imaginar e deslocar-se pelo espaço tornam-se formas legítimas de percepção artística.

Na biblioteca, livros, jogos, experiências poéticas, recursos táteis e materiais educativos transformam pesquisa e mediação em parte do campo expositivo. O conhecimento não aparece separado da experiência sensível. Ler, conversar, ouvir depoimentos ou participar de uma proposição mediadora também

mediated activity also reframes the visitor's relationship to the works.

The exhibition's audio and video guides present a range of perspectives rather than definitive explanations of the works. They offer descriptions, poetic interpretations, questions, and personal ways of approaching the pieces.

Look and See thus proposes that aesthetic experience can arise through conversation, play, sensory engagement, listening to stories, or simply moving through the exhibition, experiences capable of transforming our relationship to art more profoundly than mere explanatory accounts of artists or works.



RODRIGO
ANDRADE
/

Sem título
[Untitled], 2011
Acervo [Collection]
Sesc de Arte

modifica a relação dos visitantes com as obras.

Os audioguias e videoguias da exposição apresentam pontos de vista com falas que não pretendem se tornar explicações definitivas dos trabalhos, oferecendo descrições, interpretações poéticas, perguntas e abordagens autorais.

Mire Veja propõe, assim, que a experiência estética possa acontecer em uma conversa, um jogo, uma vivência sensorial, na escuta de uma história ou em um percurso, experiências que impactam nossa relação com a arte muito mais do que qualquer tipo de explicação sobre um artista ou uma obra.

LENORA DE BARROS

Não quero nem ver
[I Don't Even Want
to See It], 2006
Coleção
[Collection] MAM
São Paulo, doação
[donated by]
Claudio Luiz Silva
Haddad, 2006





RUBENS
GERCHMAN

/

Lute [Fight],
1967/2005
Acervo [Collection]
Sesc de Arte

CARLOS
ZILIO
/

Lute [Fight],
1967/1998
Coleção [Collection]
MAM São Paulo,
doação artista
[donated by the
artist], 1999



ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD
Nova Friburgo, RJ, Brasil [Brazil], 1896
– Belo Horizonte, MG, Brasil, 1962

Sem título [Untitled], 1949
ampliação fotográfica sobre papel
(cópia de exibição) [photographic
enlargement on paper (exhibition
copy)], 32,5 × 24,5 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação [donated by]
Paulo Kuczynski, 2006

ALFREDO CESCHIATTI
Belo Horizonte, MG, Brasil [Brazil],
1918 – Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1989

As irmãs [The Sisters], 1966
bronze sobre base de mármore
[bronze on marble base],
116 × 66 × 43 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação [donated by] Alexandre
Ceschiatti, 1990
[p. 24]

AMELIA TOLEDO
São Paulo, SP, Brasil [Brazil], 1926–2017

As paredes têm ouvidos
[The Walls Have Ears], 1975
gesso (cópia de exibição)
[plaster (exhibition copy)],
202 × 200 cm cada [each]
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação artista [donated by the
artist], 1976
[pp. 12-3]

ANTONIO HENRIQUE AMARAL
São Paulo, SP, Brasil [Brazil], 1935–2015

Sem título [Untitled], 1971
xilogravura sobre papel [woodcut
on paper], 35 × 45 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

ARTUR BARRIO
Porto, Portugal, 1945

Sem título [Untitled], da série
[from the series] *Desenhos*
heterodoxos [Heterodox Drawings],
1973/1998/2009

técnica mista [mixed media],
53 × 73 × 9 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

BRÍGIDA BALTAR
Rio de Janeiro, RJ, Brasil [Brazil],
1959–2022

As aftas [Canker Sores], 2016
bordado sobre tecido [embroidery
on fabric], 36,5 × 37 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação artista por intermédio do
[donated by the artist through
the] Clube de Colecionadores de
Gravura MAM São Paulo, 2016

CAO GUIMARÃES
Belo Horizonte, MG, Brasil [Brazil], 1965

Histórias do não ver [Stories of
Not-Seeing], 1999/2008
impressão fotográfica sobre papel
[photographic print on paper],
54,4 × 36,4 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação artista por intermédio do
[donated by the artist through
the] Clube de Colecionadores de
Fotografia MAM São Paulo, 2008

CARLOS ZILIO
Rio de Janeiro, RJ, Brasil [Brazil], 1944

Lute [Fight], 1967/1998
serigrafia sobre filme plástico,
resina plástica e alumínio
[silkscreen on plastic film,
plastic resin, and aluminum],
17,5 × 10,3 × 5,8 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação artista [donated by the
artist] 1999
[p. 41]

CÁSSIO VASCONCELLOS
São Paulo, SP, Brasil [Brazil], 1965

Coletivo [Collective], 2008
impressão fotográfica montada
sobre alumínio [photographic print
mounted on aluminum], 120 × 200 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

CLAUDIO TOZZI
São Paulo, SP, Brasil [Brazil], 1944

Multidão [Crowd], 1968
tinta industrial sobre eucatex
[industrial paint on hardboard],
120 × 120 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

CLEBER MACHADO
Porto Alegre, RS, Brasil [Brazil], 1937
– São Paulo, SP, Brasil, 2022

Sem título [Untitled], 2007
aço inox, alumínio, resina e
madeira [stainless steel, aluminum,
resin, and wood], 150 × 150 × 40 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

EDUARDO COIMBRA
Rio de Janeiro, RJ, Brasil [Brazil], 1955

Escotilha (a) [Porthole (a)], 2011
impressão fotográfica sobre
duratrans, acrílico, lâmpada
fluorescente e alumínio
[photographic print on Duratrans,
acrylic, fluorescent lamp, and
aluminum], 47,4 × 47,5 × 7,5 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

Luz natural [Natural Light], 2011
100 lâmpadas fluorescentes,
impressão fotográfica sobre
duratrans, acrílico e alumínio
[100 fluorescent lamps, photo-
graphic print on Duratrans, acrylic,
and aluminum], 122 × 830 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte
[p. 35]

EMANOEL ARAUJO
Santo Amaro da Purificação, BA,
Brasil [Brazil], 1940 – São Paulo, SP,
Brasil, 2022

Estrutura vermelha
[Red Structure], 1981
laca sobre madeira [lacquer paint
on wood], 102 × 64 × 31 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
prêmio [prize] Caixa Econômica
Federal – Panorama 1981, 1981

FRANZ WEISSMANN

Knittelfeld, Áustria [Austria], 1911 –
Rio de Janeiro, RJ, Brasil [Brazil], 2005

Sem título [Untitled], 1967
relevô sobre madeira [wood relief],
80 × 80 × 3 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
aquisição [acquisition], 1989

GERMAN LORCA

São Paulo, SP, Brasil [Brazil], 1922–2021

Ibirapuera, 1998
impressão fotográfica sobre papel
[photographic print on paper],
40,6 × 50,5 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação artista [donated by the
artist], 2000

GISELA MOTTA & LEANDRO LIMA

São Paulo, SP, Brasil [Brazil], 1976
(ambos) [both]

Circuito impresso – Berlim [Printed
Circuit – Berlin], 2008
placa de fibra de vidro para
circuito impresso [printed circuit
board on fiberglass], 52 × 52 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

Circuito impresso – Bogotá
[Printed Circuit – Bogotá], 2008
placa de fibra de vidro para
circuito impresso [printed circuit
board on fiberglass], 52 × 52 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

Circuito impresso – Cairo
[Printed Circuit – Cairo], 2008
placa de fibra de vidro para
circuito impresso [printed circuit
board on fiberglass], 52 × 52 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

Circuito impresso – Jerusalém
[Printed Circuit – Jerusalem], 2008
placa de fibra de vidro para
circuito impresso [printed circuit
board on fiberglass], 52 × 52 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

Circuito impresso – Moscou
[Printed Circuit – Moscow], 2008
placa de fibra de vidro para

circuito impresso [printed circuit
board on fiberglass], 52 × 52 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

Circuito impresso – Shenzhen
[Printed Circuit – Shenzhen], 2008
placa de fibra de vidro para
circuito impresso [printed circuit
board on fiberglass], 52 × 52 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

GIULIANA GIORGI

Turim, Itália [Turin, Italy], 1911–2009

Antigo Morumbi [Early Morumbi], 1945
óleo sobre tela [oil on canvas],
31 × 42,2 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação [donated by] Carlo Tamagni

HEITOR DOS PRAZERES

Rio de Janeiro, RJ, Brasil [Brazil],
1898–1966

Dança [Dance], 1965
óleo sobre tela [oil on canvas],
50,2 × 61,3 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação [donated by] Iracema Arditi,
1972

IRAN DO ESPÍRITO SANTO

Mococa, SP, Brasil [Brazil], 1963

Street Pole, 2008
granito [granite], 210 × 50 × 50 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte
[p. 25]

LABÃO | RAFAELA KENNEDY

Belém, PA, Brasil [Brazil], 1995 |
Mauá, AM, Brasil, 1994

Sem título [Untitled], da série [from
the series] *Breadas*, 2024
impressão fotográfica sobre papel
[photographic print on paper],
105 × 70 cm
Coleção [Collection] MAM São
Paulo, doação [donated by] Cleusa
Garfinkel por intermédio do
[through the] Núcleo Panorama,
2024, 2025

LAURA VINCI

São Paulo, SP, Brasil [Brazil], 1962

Branco [White], 2004
relevô seco sobre papel
[blind embossing on paper],
25,5 × 100 × 3 cm (com moldura)
[framed]
Coleção [Collection] MAM
São Paulo, doação artista por
intermédio do [donated by the
artist through the] Clube de
Colecionadores de Gravura MAM
São Paulo, 2004

LENORA DE BARROS

São Paulo, SP, Brasil [Brazil], 1953

Não quero nem ver [I Don't Even
Want to See It], 2006
videoinstalação [video installation],
293'40" (duração total dos vídeos)
[total length of the videos]
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação [donated by] Claudio Luiz
Silva Haddad, 2006
[p. 39]

LOTHAR CHAROUX

Viena, Áustria [Vienna, Austria], 1912
– São Paulo, SP, Brasil [Brazil], 1987

Composição [Composition], 1958
guache sobre papel [gouache on
paper], 52,8 × 69,8 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação [donated by] Glaucia e
[and] Peter Cohn, 2005

NELSON LEIRNER

São Paulo, SP, Brasil [Brazil], 1932 –
Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2020

Construtivismo naval II [Naval
Constructivism II], 2008/2011
madeira, pintura e verniz automotivo
[wood, paint, and automotive finish],
170 × 338 × 12 cm (cada) [each]
Acervo [Collection] Sesc de Arte
[p. 33]

Construtivismo musical
[Musical Constructivism], 2010
pintura sobre madeira

[paint on wood], 120 × 135 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte
[p. 32]

PAULO BRUSCKY

Recife, PE, Brasil [Brazil], 1949

Ferrogravura [Iron Engraving], 1974
ferro de engomar sobre papel
[flat iron on paper], 43 × 33 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

Ferrogravura [Iron Engraving], 1974
ferro de engomar sobre papel
[flat iron on paper], 43 × 33 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

Performance Poema linguístico
[Linguistic Poem Performance], 1992
impressão de língua embebida
em tinta de carimbo sobre papel
(registro de performance)
[tongue-print in ink on paper
(performance record)], 89 × 67 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte

PAULO NENFLÍDIO

São Bernardo do Campo, SP, Brasil
[Brazil], 1976

Retrocórdio, 2008
madeira, metal, circuito eletrônico
e amplificador [wood, metal,
electronic circuitry, and amplifier],
103 × 100 × 59 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação [donated by] Condomínio
Shopping Center Iguatemi, 2008

PEDRO MOTTA

Belo Horizonte, MG, Brasil [Brazil], 1977

Treme Terra [Trembling Earth],
1998/2008
impressão fotográfica sobre
papel [photographic print on
paper], 47,3 × 71,1 cm
Coleção [Collection] MAM
São Paulo, doação artista por
intermédio do [donated by the
artist through the] Clube de
Colecionadores de Fotografia
MAM São Paulo, 2008

RODRIGO ANDRADE

São Paulo, SP, Brasil [Brazil], 1962

Sem título [Untitled], 2011
óleo sobre alvenaria
[oil on masonry wall], dimensões
variadas [various dimensions]
Acervo [Collection] Sesc de Arte
[p. 38]

RODRIGO BRAGA

Manaus, AM, Brasil [Brazil], 1976

Comunhão I [Communion I], 2006
impressão fotográfica sobre papel
[photographic print on paper],
50 × 73,5 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação artista por intermédio do
[donated by the artist through
the] Clube de Colecionadores de
Fotografia MAM São Paulo, 2007
[p. 28]

ROSÂNGELA RENNO

Belo Horizonte, MG, Brasil [Brazil], 1962

Corpos estranhos [Xtrange Bodies],
2009
impressão fotográfica sobre papel
[photographic print on paper],
50,6 × 44,9 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação artista por intermédio do
[donated by the artist through
the] Clube de Colecionadores de
Fotografia MAM São Paulo, 2009

RUBENS GERCHMAN

Rio de Janeiro, RJ, Brasil [Brazil],
1942 – São Paulo, SP, Brasil, 2008

*Procurado pela morte do homem
do carro vermelho* [Wanted for the
Murder of the Man in the Red Car],
1966/1998
acrílica sobre tela [acrylic on
canvas], 70 × 156 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte
Lute [Fight], 1967/2005
tinta industrial e fórmica sobre
madeira [industrial paint and

plastic laminate on wood],
560 × 170 × 40 cm
Acervo [Collection] Sesc de Arte
[p. 40]

100% negro, 100% Malevich
[100% Black, 100% Malevich], 2000
acrílica sobre camisetas de
algodão e madeira [acrylic
on cotton T-shirts and wood],
156×175×3 cm (emoldurado)
[framed]
Acervo [Collection] Sesc de Arte

SARA RAMO

Madri, Espanha [Madrid, Spain], 1975

Oceano possível [Possible Ocean],
2002
vídeo [video], 03'56"
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação [donated by] Credit Suisse,
com recursos da Lei Federal
de Incentivo à Cultura [with
resources from the Federal
Cultural Incentive Law], 2012
[p. 34]

XADALU TUPÃ JEKUPÉ

Alegrete, RS, Brasil [Brazil], 1985

Tatá Piriri, 2022
acrílica sobre tela [acrylic
on canvas], 120 × 200 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
doação [donated by] Paulo Sartori,
2023
[p. 29]

ZIMAR

Matinha, MA, Brasil [Brazil], 1959

Sem título [Untitled], da série
[from the series] *Careta de
Cazumba* [Cazumba Mask], 2024
acrílica sobre polipropileno,
plástico e papel machê [acrylic
on polypropylene, plastic, and
papier-mâché], 60 × 60 × 30 cm
Coleção [Collection] MAM São Paulo,
aquisição [acquisition] Núcleo
Panorama 2024, 2025

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional
no Estado de São Paulo
[Administration in São Paulo State]

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
[CHAIRMAN OF THE COUNCIL]

Ivo Dall’Acqua Junior

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
[DIRECTOR]

Luiz Deoclecio Massaro Galina

SUPERINTENDÊNCIAS [DEPUTY DIRECTORS]

Técnico-Social [Social and
Programming]

Rosana Paulo da Cunha

Comunicação Social [Communication]

Ricardo Gentil

Administração [Administration]

Jackson de Andrade Matos

Assessoria Técnica e de Planejamento
[Technical Planning]

Marta Raquel Colabone

Assessoria Jurídica [Legal Advice]

Carla Bertucci Barbieri

GERÊNCIAS [DEPARTMENTS]

Artes Visuais e Tecnologia [Visual and
Media Arts] Juliana Braga de Mattos

**Educação para Sustentabilidade e
Cidadania** [Education for Sustainability
and Citizenship] Denise de Souza Baena

Segura Estudos e Desenvolvimento
[Studies and Development] João Paulo

Guadanucci Artes Gráficas [Graphic
Design] Rogério Ianelli **Sesc Bom Retiro**
Monica Machado

EQUIPE SESC [TEAM SESC]

Adriano Alves Pinto, Carolina Barmell,
Celia Prado, Cesar Albornoz, Claudete
Greiner, Débora Silva Carvalho, Fábio
Vasconcelos, Fabíola Tavares Milan,
Guilherme Luiz de Carvalho Sousa,
Humberto Mota, Jefferson Bessa, João
Victor Hora, Karina Camargo Leal, Larissa
Meneses, Ligia Zamaro, Paulo Henrique
Souza Cavalcante, Ricardo Jeacomo,
Rogério Uehara, Samara Eiras dos

Santos, Sandra Leibovici, Silvia Gobbo
G. Morango, Silvia Eri Hirao, Suellen
Barbosa, Vanusa Soares Souza, Wilson
Pereira Vilar

**MUSEU DE ARTE MODERNA DE
SÃO PAULO** [MUSEUM OF MODERN
ART OF SÃO PAULO]

PRESIDENTE DE HONRA
[HONORARY PRESIDENT]
Milú Villela

DIRETORIA
[MANAGEMENT BOARD]

Presidente [President]

Elizabeth Machado

Vice-presidente [Vice-president]

Daniela Montingelli Villela

Diretora jurídica [Legal Director]

Tatiana Amorim de Brito Machado

Diretor financeiro [Financial Director]

José Luiz Sá de Castro Lima

Diretores [Directors]

Camila Granado Pedroso Horta

Marina Terepins

Raphael Vandystadt

CONSELHO DELIBERATIVO [ADVISORY BOARD]

Presidente [President]

Geraldo José Carbone

Vice-presidente [Vice-president]

Luís Terepins

CONSELHEIROS [BOARD MEMBERS]

Adolpho Leirner

Alfredo Egydio Setúbal

Andrea Paula Barros Carvalho Israel da
Veiga Pereira

Caio Luiz de Cibella de Carvalho

Eduardo Brandão

Eduardo Mazzilli de Vassimon

Eduardo Saron Nunes

Erica Jannini

Fábio de Albuquerque

Fábio Luiz Pereira de Magalhães

Francisco Pedroso Horta

Henrique Luz

Jean-Marc Etlin

Jorge Frederico M. Landmann
Lucia Hauptman

Luís Terepins

Luiz Deoclécio Massaro Galina

Maria Regina Pinho de Almeida

Mariana Guarini Berenguer

Mário Henrique Costa Mazzilli

Martin Grossmann

Neide Helena de Moraes

Paulo Setúbal Neto

Peter Cohn

Renata Mei Hsu Guimarães

Roberto B. Pereira de Almeida

Rodolfo Henrique Fischer

Rolf Gustavo R. Baumgart

Salo Davi Seibel

Sérgio Ribeiro da Costa Werlang

Sérgio Silva Gordilho

Susana Leirner Steinbruch

ASSOCIADOS PATRONOS [ASSOCIATE PATRONS]

Adolpho Leirner

Alfredo Egydio Setúbal

Daniela Montingelli Villela

Eduardo Brandão

Eduardo Saron Nunes

Fernando Moreira Salles

Francisco Pedroso Horta

Geraldo José Carbone

Helio Seibel

Henrique Luz

Jean-Marc Etlin

Mariana Guarini Berenguer

Mário Henrique Costa Mazzilli

Neide Helena de Moraes

Paulo Setúbal Neto

Peter Cohn

Roberto B. Pereira de Almeida

Rodolfo Henrique Fischer

Rolf Gustavo R. Baumgart

Salo Davi Seibel

Sérgio Ribeiro da Costa Werlang

NÚCLEO PANORAMA

[PANORAMA ART HUB]

Coordenadora [Coordinator]

Camila Granado Pedroso Horta

Membros [Members]

Anita Kuczynski

Antonio Almeida e [and] Michele
Uchoas de Paula
Cleusa de Campos Garfinkel
Débora Assalve Greve
Eduardo Suassuna e [and] Marcelle
Farias
Felipe Dmab, Matthew Wood e [and]
Pedro Mendes
Gilberto Azevedo de Moraes e [and]
Maria Carolina de Almeida
Julia e [and] Ricardo Simon
Luiz Alberto Danielian e [and] Ludwig
Danielian
Malvina Sammarone
Maria Luísa Barros
Marília Chede Razuk
Odine e [and] Marcos Ribeiro Simon
Olavo Egydio Setubal Junior
Renata Queiroz de Moraes
Teodoro Bava e [and] Eduardo
Baptistella Jr
Teresa Cristina R. Ralston Botelho
Bracher e [and] Isabel Ralston
Fonseca de Faria
Tomas Gabriel Yazbek e [and] Leticia
Nigro Mazon
Vanessa e [and] Bruno Amaral
Vilma Eid
William Maluf

NÚCLEO CONTEMPORÂNEO

[CONTEMPORARY ART HUB]

Coordenação [Coordination]

Camila Granado Pedroso Horta

Membros [Members]

Adriana de C. Leal Andreoli
Ana Carmen Longobardi
Ana Eliza Setubal
Ana Lopes
Ana Lucia Siciliano
Ana Paula Cestari
Ana Paula Vilela Vianna
Ana Serra
Ana Teresa Sampaio
Andrea Gonzaga
Antonio de Figueiredo Murta Filho
Antonio Marcos Moraes Barros
Beatriz Freitas Fernandes Távora
Filgueiras

Beatriz Yunes Guarita
Bruna Riscali
Camila Barroso de Siqueira
Carolina Costa e Silva Martins
Cintia Rocha
Cleusa de Campos Garfinkel
Cristiana Rebelo Wiener
Cristina Baumgart
Cristina Canepa
Cristina Tolovi
Daniela M. Villela
Daniela Steinberg Berger
Eduardo Mazilli de Vassimon
Elen Leirner
Esther Cuten Schattan
Felipe Akagawa e [and] Angela Akagawa
Fernanda Mil-Homens Costa
Fernando Augusto Paixão Machado
Flávia Regina de Souza Oliveira
Florence Curimbaba
Gustavo Clauss
Hena Lee
Janice Mascarenhas Marques
José Eduardo Nascimento
Judith Kovesi
Juliana de Souza Peixoto Modé
Karla Meneghel
Luciana Lehfeld Daher
Luisa Malzoni Strina
Márcio Alaor Barros
Maria Cláudia Curimbaba
Maria das Graças Santana Bueno
Maria do Socorro Farias de Andrade
Lima
Maria Julia Freitas Forbes
Maria Teresa Igel
Mariana de Souza Sales
Mariana Schmidt de Oliveira Iacomio
Marina Lisbona
Mônica Mangini
Monica Vassimon
Nadja Cecilia Silva Mello Isnard
Natalia Jereissati
Orlando Facioli Junior
Patricia Magano
Paula Almeida Schmeil Jabra
Paulo Setubal Neto
Raquel Steinberg
Regina de Magalhaes Bariani

Renata Nogueira Studart do Vale
Renata Paes Mendonça
Rosa Amélia de Oliveira Penna Marques
Moreira
Rosana Aparecida Soares de Queiróz
Visconde
Rosana Wagner Carneiro Mokdissi
Sabina Lowenthal
Sérgio Ribeiro da Costa Werlang
Silvio Steinberg
Sonia Regina Grosso
Sonia Regina Opice
Tais Dias Cabral
Tatyane Frasson Henriques
Titiza Nogueira
Vera Lucia Freitas Haver
Wilson Pinheiro Jabur

MANTENEDORES [SPONSORS]

Itaú
Promatre

Platina [Platinum]

Ultra
Goodstorage
Unipar

Ouro [Gold]

Alupar
Biolab Farmacêutica
BMA Advogados
Banco BV
Fundo Museu Escola
Leo
Leosocial
Pinheiro Neto Advogados
Tozzini Freire
Valentino
Vivo

Prata [Silver]

PwC

LIVRETO [BOOKLET]

REALIZAÇÃO [PRODUCED BY]

Museu de Arte Moderna de São Paulo
Sesc – Serviço Social do Comércio

CURADORIA E ORGANIZAÇÃO

[CURATED AND EDITED BY]

Valquíria Prates
Mirela Estelles

TEXTOS [TEXTS]

Cauê Alves
Elizabeth Machado
Luiz Deoclecio Massaro Galina
Mirela Estelles
Valquíria Prates

IDENTIDADE VISUAL E PROJETO GRÁFICO

[VISUAL IDENTITY AND GRAPHIC DESIGN]

Luciana Facchini

COORDENAÇÃO [COORDINATION]

Ane Tavares

COORDENAÇÃO EDITORIAL [EDITORIAL

COORDINATION]

Tatiana Vieira Allegro

PRODUÇÃO GRÁFICA [GRAPHIC PRODUCTION]

Leandro da Costa

TRADUÇÃO PARA O INGLÊS [ENGLISH

TRANSLATION]

Pedro Vainer

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO

[COPYEDITING AND PROOFREADING]

Ricardo Lelis

FOTOS [PHOTOS]

Ding Musa (p. 24); Estúdio 17 (p. 28);
Estúdio em Obra (pp. 4-5); Everton
Ballardin (pp. 25, 32, 33, 35, 38, 40);
Marcelo Arruda (pp. 39, 41); Renato
Parada (p. 29); Romulo Fialdini (p. 13).

TRATAMENTO DE IMAGEM E IMPRESSÃO

[PHOTO RETOUCHING AND PRINTING]

PifferPrint

EXPOSIÇÃO [EXHIBITION]

REALIZAÇÃO [PRODUCED BY]

Museu de Arte Moderna de São Paulo
Sesc – Serviço Social do Comércio

CURADORIA [CURATED BY]

Valquíria Prates
Mirela Estelles

PRODUÇÃO EXECUTIVA [EXECUTIVE PRODUCTION]

Ana Paula Pedroso Santana (coord.)
Bianca Yokoyama da Silva
Elenice dos Santos Lourenço
Daniele Carvalho

Assistência [Assistance]

Paola da Silveira Araujo

COMUNICAÇÃO [COMMUNICATION]

Ane Tavares (coord.)
Juliana Pithon
Nicolas Oliveira
Rachel Brito
Valbia Lima

Assessoria de Imprensa [Press Officer]

Evandro Pimentel

PROJETO EXPOGRÁFICO [EXHIBITION DESIGN]

Ricardo Amado

PROJETO DE ILUMINAÇÃO [LIGHTING DESIGN]

Fernanda Carvalho

IDENTIDADE VISUAL [VISUAL IDENTITY]

Luciana Facchini

COORDENAÇÃO EDITORIAL [EDITORIAL

COORDINATION]

Tatiana Vieira Allegro

PRODUÇÃO GRÁFICA [GRAPHIC PRODUCTION]

Leandro da Costa

TRADUÇÃO PARA O INGLÊS [ENGLISH TRANSLATION]

Pedro Vainer

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO

[COPYEDITING AND PROOFREADING]

Ricardo Lelis

ACERVO [COLLECTION]

Patricia Pinto Lima (coord.)

Conservação [Conservation]

Bárbara Blanco Bernardes de Alencar
Maria Cristina Ribeiro dos Santos

Art Handler

Aleijom Lacerda

Difusão [Dissemination]

Marina do Amaral Mesquita

Assistência [Assistance]

Taline de Oliveira Bonazzi

Apoio de Conservação

[Conservation Support]

Fabiana Oda

MOLDURAS [FRAMES]

MK Molduras

CLIMABOX

Hélio Iwasa

EXECUÇÃO DO PROJETO EXPOGRÁFICO [EXECUTION

OF EXHIBITION DESIGN]

Cenografia Catanduva

MONTAGEM [INSTALLATION]

Manuseio Montagem e Produção Cultural

IMPRESSÃO E INSTALAÇÃO DA

COMUNICAÇÃO VISUAL [PRINTING AND

INSTALLATION OF VISUAL COMMUNICATION]

Diferente Marketing

RDZ Instalação de Painéis e
Comunicação Visual

TRANSPORTE [SHIPPING]

Artquality

ORGANIZAÇÃO DE ACESSIBILIDADE

[ACCESSIBILITY ORGANIZATION]

Museu de Arte Moderna de São Paulo

RECURSOS DE ACESSIBILIDADE

[ACCESSIBILITY RESOURCES]

Audiodescrição [Audio Description]

Janela – Produtora cultural em
acessibilidade

Intérpretes e Videoguia em Libras

[Brazilian Sign Language Interpreters
and Video Guide]

Janela – Produtora cultural em acessibilidade

Interpretações Táteis [Tactile Reproductions]

Marina Baffini e Ateliê Inclua-me

EQUIPAMENTO AUDIOVISUAL

[AUDIOVISUAL EQUIPMENT]

Tela Mágica

EQUIPAMENTO DE ILUMINAÇÃO

[LIGHTING EQUIPMENT]

WRF Eventos

Sesc Bom Retiro

Alameda Nothmann, 185
Campos Elíseos | São Paulo
Metrô Luz | Tiradentes
Tel: (11) 3332.3600

  /sescbomretiro

sescsp.org.br